

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

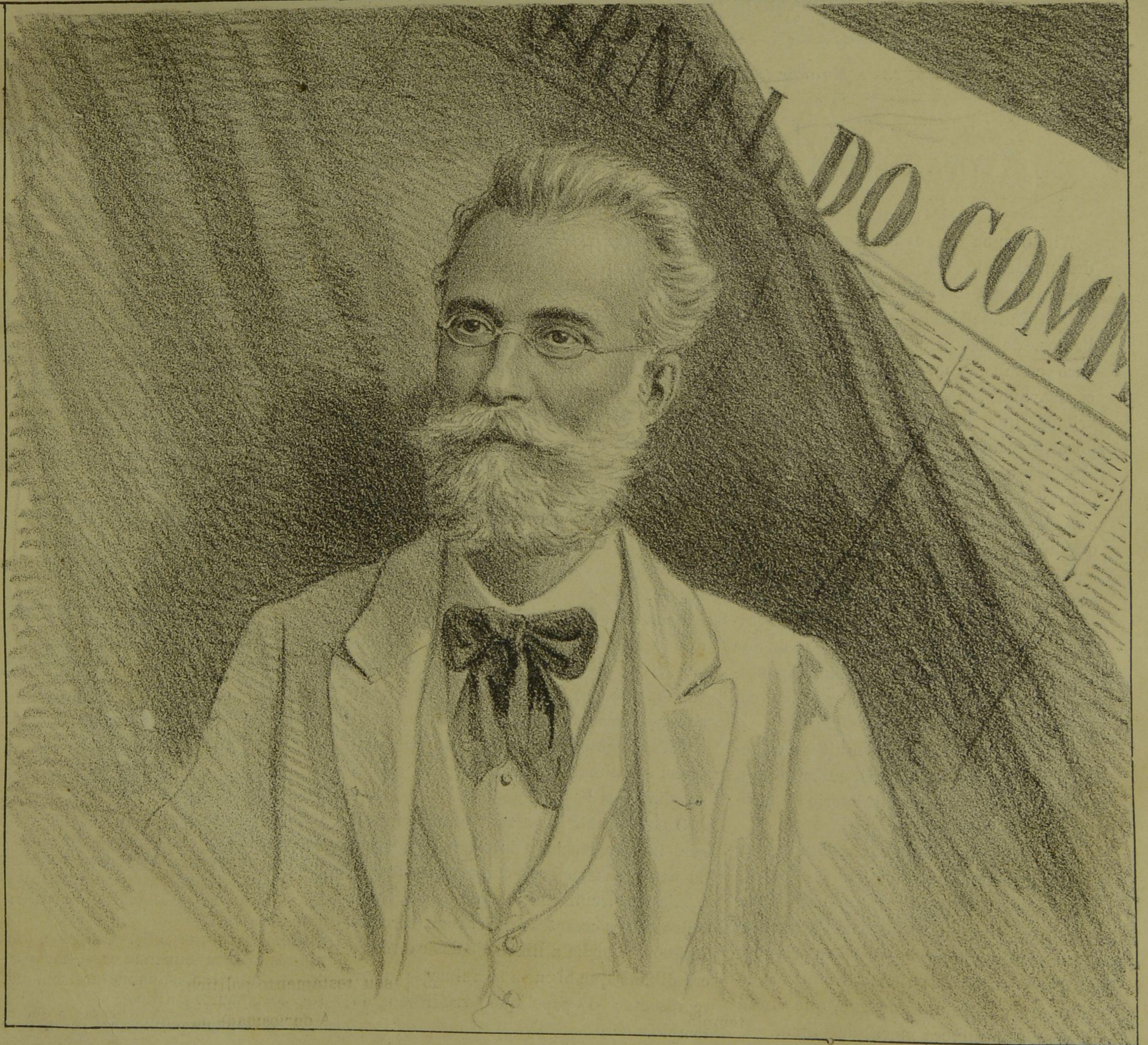
ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



O D.^r Luiz de Castro,
Redactor principal do "Jornal do Commercio,"
fallecido no dia 7 de Maio de 1888.

A ABOLIÇÃO

A apresentação do ministerio — Declarações importantes — Discurso do Dr. Joaquim Nabuco.

O projecto do governo

ESPLENDIDAS MANIFESTAÇÕES; O BRAZIL LIVRE!



A VIDA POLITICA

Ainda uma vez, os acontecimentos nos deram razão!

Realisaram-se todas as nossas previsões.

O gabinete de 10 de março, que recebemos, desde o primeiro dia, com inequivoco entusiasmo, fez tudo o que d'elle esperavamos, honrando a palavra dos patriotas, que tinham ficado como seus fiadores, perante a opinião publica.

E era através de um côro de censuras, diante do espirito pequenino de partido e soffrendo a accusação de optimistas, que nós, desde o primeiro dia, saudamos e sustentamos, por todos os meios ao nosso alcance, o Ministerio Libertador.

Sentiamo-nos muito fortes n'essa attitude, como quem tem a certeza do que avança e que apenas annuncia o apparecimento do dia, quando a aurora já vem purpureando os horisontes.

Contra a descrença de muitos e os desejos intrigantes de alguns, sustentamos, sempre, que este, era o ministerio da Abolição.

Não estavamos sós, n'essa attitude, que o amor da patria nos dictava.

A *Cidade do Rio*, o intrepido órgão democratico, dirigido por José do Patrocínio, o Bayard abolicionista — desde o primeiro dia que queimava os ultimos cartuchos, na defeza sagrada de um governo, que vinha sanear a atmospheria moral da patria.

Por outro lado, os *Topicos do dia*, do *Paiz*, redigidos por Joaquim Serra — um homem feito legião — batiam-se, em toda a linha, contra as investidas e as manobras; que o espirito partidario dictava aos politicos de profissão.

A *Cidade do Rio*, o *Topicos do dia* e a *Revista Illustrado*, encaravam os acontecimentos, como se os vissem atravez do mesmo prisma, sem a menor combinação e só porque as suas convicções coincidiam.

Reconhecendo, aliás, que a politica, em nossa terra, nunca obedeceu á logica, e ao contrario, esteve sempre escravizada ao imprevisto, tinhamos razões para crêr que, d'esta vez, ella faria excepção.

Não viamos, no alto, nenhum elemento systematicamente infenso á opinião publica, com medo ao progresso, cioso de um dominio, que elevou no ultimo reinado a centralisação ao mais alto gráu e por isso acreditavamos na marcha regular e harmonica dos factos.

Nossas previsões estão realisadas!

O projecto do governo sobre o elemento servil foi o que sempre esperamos, sublime em sua simplicidade, de artigo unico, não dando á escravidão a honra de a considerar viva, de a ter como adversario, e fazendo, apenas, a declaração official de achar-se ella extincta.

Ha momentos nas nações, em que ninguém se anima a atraçoar-lhe os solemnes dictames!

O povo brasileiro estava completando a sua independencia, e depositando no altar da patria as suas mais caras aspirações.

N'estas circumstancias, quando o bater unisono dos corações formava um côro religioso que pedia a liberdade dos captivos, era difficil que alguém se animasse a vir representar o papel do vendilhão do templo.

Não! Mil vezes não!

A hostia branca da redempção está erguida, sobre os altares.

Joelho em terra e adoremos-a!

Os factos dos ultimos dias

Já nos occupamos, detalhadamente, com a abertura das Camaras e a sessão solemne do Senado, em que foi lida a memoravel Falla do Throno, que consagra a liberdade de todos os escravizados.

Seguiram-se as eleições da meza, na Camara e no Senado, sendo eleita aqui, a mesma meza do anno passado e havendo ali renovação, quasi completa, do pessoal.

Na eleição da camara, o governo manifestou habilidade e força. Occupou o lugar de presidente, o Sr. Henrique de Lucena, amigo e comprovinciano do presidente do conselho, homem energico e intelligente.

Os outros lugares foram occupados por influencias das diversas provincias, constituindo um todo harmonico, para dirigir as memoraveis sessões d'este anno.

Pelo modo como correu essa eleição, podia-se, quasi, affirmar que o parlamento estava unanime, em redor de um governo, que vinha riscar do direito patrio, a barbara instituição do captiveiro.

Conhecida a organização da meza, cessaram as duvidas, em todos os espiritos, mesmo nos mais impertinentes, sobre as intenções do governo e a missão da Camara, na actual sessão.

E, sem mais delongas, foi annunciada a apresentação do ministerio para segunda-feira, ultima.

O Ministerio e as Camaras

Todos os adversarios da actual ordem de coisas, tinham feito annunciar que, por occasião das declarações dos ex-ministros, haveria um verdadeiro escandalo, revelando a intervenção indebita da corôa e o poder pessoal.

Referia-se que o Sr. Cotegipe, muito magoado com a ultima crise, faria revelações gravissimas, dando-nos, com ellas, o seu testamento politico.

A curiosidade publica era intensa, e na

segunda-feira, não havia um lugar vago no Senado.

Afinal, os que ali tinham ido para assistirem a um escandalo, passaram pela mais cruel decepção...

Tudo correu como de ordinario, com ligeiras recriminações da parte dos que foram apeados e dos que não receberam convite para substituí-los.

Uma sessão banal, da qual o traço mais saliente e notavel foi uma réplica do Sr. João Alfredo, ao ex-presidente do conselho, tirando a corôa do debate inconstitucional onde velhos estadistas, ainda que a medo, queriam envolvê-la.

O Sr. barão de Cotegipe não esteve nem indignado nem feliz.

Denotou, apenas, um enfraquecimento de memoria, trocando alguns nomes e datas, que eram rectificadas pelos seus visinhos de bancada.

Tres d'esses lapsos foram muito notados.

O primeiro, quanto á prisão de um official reformado *do exercito*;

O segundo, quanto aos disturbios, que S. Ex. classificou como *do mez passado*;

O terceiro, quanto ao novo ministerio que S. Ex. chamou de *20 de Agosto*.

Fôra d'essas lacunas, as declarações do presidente do conselho não sahiram da vulgaridade, encerrando-se o debate, com decepção geral, por parte dos sonhadores de escandalos.

Na Camara

Do Senado, veio o ministerio á Camara fazer as declarações, que são do estylo em nosso regimen.

Fallou o Sr. Mac-Dowell, historiando a crise n'um tom cavernoso e sesquipedal, pronunciando as palavras com grande intervallo uma das outras.

Se era um effeito rhetorico e se S. Ex. contava com elle, sentimos dizer-lhe que não teve uma inspiração sublime...

Seguiu-se o Sr. João Alfredo, que referiu com toda a correção e discernimento, n'um tom sincero e convincente, as razões da sua estada no poder.

Pedi, em seguida, a palavra o Sr. Maciel, para fallar em nome da opposição liberal.

O seu discurso foi pouco politico.

S. Ex. insistiu muito por uma carta, que, como estadista devia saber que era confidencial e que não podia ser lida.

Palavras perdidas.

Sobre a questão abolicionista, o partido liberal daria todo o apoio ao governo, para que a reforma se fizesse no mais curto espaço de tempo.

Sobre as outras questões, negava-lhe a sua confiança.

S. Ex. fallou de mais.

A attitudo a manter, por opposicionistas, diante do actual governo seria a de pôr-lhe o campo livre de embarços, na questão servil, para que o governo não pudesse allegar trabalhos, esforços e luctas, que o glorificariam. Quanto ao mais, a melhor e mais efficaz opposição seria o silencio.

Tomando a palavra, em seguida, o Dr. Joaquim Nabuco fez um historico flagrante á vida dos partidos, proferindo muitas verdades, e arrancando calorosos applausos de toda a camara e das galerias.

Este discurso é um dos mais bellos que se teem pronunciado, em qualquer parlamento, de qualquer parte do mundo.

Ficará entre os trechos parlamentares classicos e servirá de lição e conselho ás gerações futuras.

Dadas as explicações, o ministerio retirou-se, ficando em todos a impressão de que elle estava fortissimo e habilitado com todos os elementos, para realisar a reforma do elemento servil.

O Projecto

Imponente era o aspecto da Camara e dos seus arredóres, na terça-feira, pela uma hora da tarde.

Tanto fóra, como dentro do recinto, a multidão era compacta.

Quando o Sr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura entrou, para ler a proposta do governo, a anciedade do publico parecia ter chegado ao auge.

Ao subir o estrado, de uma das tribunas, diversas senhoras lhe atiraram muitos punhados de flores desfolhadas.

A commoção era intensa.

O proprio ministro se achava d'ella possuido, e foi com os dedos tremulos, que abriu a proposta e tomou-a, afim de a lèr.

Dominando, porém, a commoção sagrada, a que todos vergavam no momento de ser lido o decreto de libertação dos escravos, S. Ex. leu, com voz firme, as seguintes palavras:

« De ordem de Sua Alteza a Princeza Imperial Regente, em nome do Imperador, venho apresentar á Camara dos Srs. deputados o seguinte projecto:

Artigo 1.º — E' declarada extinta a escravidão.

Artigo 2.º — Ficam revogadas as disposições em contrario.»

Uma immensa aclamação echoou de todos os lados da Camara, formada pelos vivas, pelos bravos, pelas palmas, da multidão que assistia ao acto mais grandioso que registra a historia politica da nossa patria.

Da rua, aonde estavam apinhadas algumas mil pessoas, attrahidas pela solemnidade do momento, romperam tambem prolongados applausos, tocando uma banda o hymno nacional e subindo aos ares muitos foguetes.

Lida a proposta do governo, e quando o ministro se retirava, foram-lhe offerecidos diversos *bouquets*, em meio dos applausos delirantes de todos os que assistiam a essa memoravel sessão.

Os tramites

Por proposta do Dr. Joaquim Nabuco, a quem as circumstancias tinham dado o papel de *leader* da Camara, (e ninguem jamais occupou com tanto brilhantismo esse lugar) o Sr. presidente nomeou uma commissão de 5 membros, composta dos Srs. Duarte de Azevedo, Joaquim Nabuco, Affonso Celso Junior, Gonçalves Ferreira e Alfredo Corrêa.

Apresentado o projecto na terça-feira, 8 do corrente, foi n'esse mesmo dia enviado á commissão especial, já mencionada,

que, immediatamente, se reuniu para dar parecer.

Seis minutos depois de ter sahido do recinto, a commissão voltou, trazendo parecer lavrado.

O Sr. Duarte de Azevedo, como relator, leu o parecer, que em nada alterava os termos da gloriosa Lei, e, em meio de aclamações prolongadas, foi dispensado o intersticio para o projecto entrar na quarta-feira em 2.ª discussão.

Assim se venceu, em meio de ruidosos applausos, seguindo-se manifestações estrondosas, que devem ter enchido de alegria e legitimo orgulho todos quantos teem trabalhado para a grandiosa obra da redempção da Patria.

Quarta-feira, após pequena discussão, foi o projecto approvedo, com uma emenda do Sr. Araujo Góes Junior, accrescentando ás palavras — *E' declarada extinta a escravidão no Brazil*, estas outras: *da data d'esta lei*.

Joaquim Nabuco, como *leader* da Camara dirigiu, com inexcedivel talento e sublime dedicação, todos os trabalhos da representação nacional.

Passou, pois, o projecto a terceira e ultima discussão, que se devia realisar na quinta-feira.

Como, porém, fosse dia santo, requereu o Sr. Duarte de Azevedo, que a Camara trabalhasse, o que foi votado em meio de applausos.

Na quinta-feira, tanto os arredóres da Camara, como o recinto ficaram coalhados de expectadores.

O povo queria fraternisar com a representação nacional, e tanto quanto foi possivel, o presidente da Camara, Sr. Desembargador Lucena, attendeu a esses patrioticos intuitos, facilitando a entrada a milhares de pessoas.

O elevado procedimento do presidente da Camara não passou desapercibido aos abolicionistas, que, desde logo, combinaram testemunhar-lhe a sua gratidão.

Por proposta do nosso collega Luiz de Andrade, approveda pela *Confederação Abolicionista*, decidiu-se fazer aquisição de um grande e rico *bouquet* de flores artificiaes, que seria offerecido ao desembargador Lucena, no dia da passagem do projecto.

O *bouquet* tinha nas largas fitas de cores nacionaes, as seguintes inscrições, a ouro:

Ao desembargador Lucena, Presidente da camara em 1888

A Confederação Abolicionista

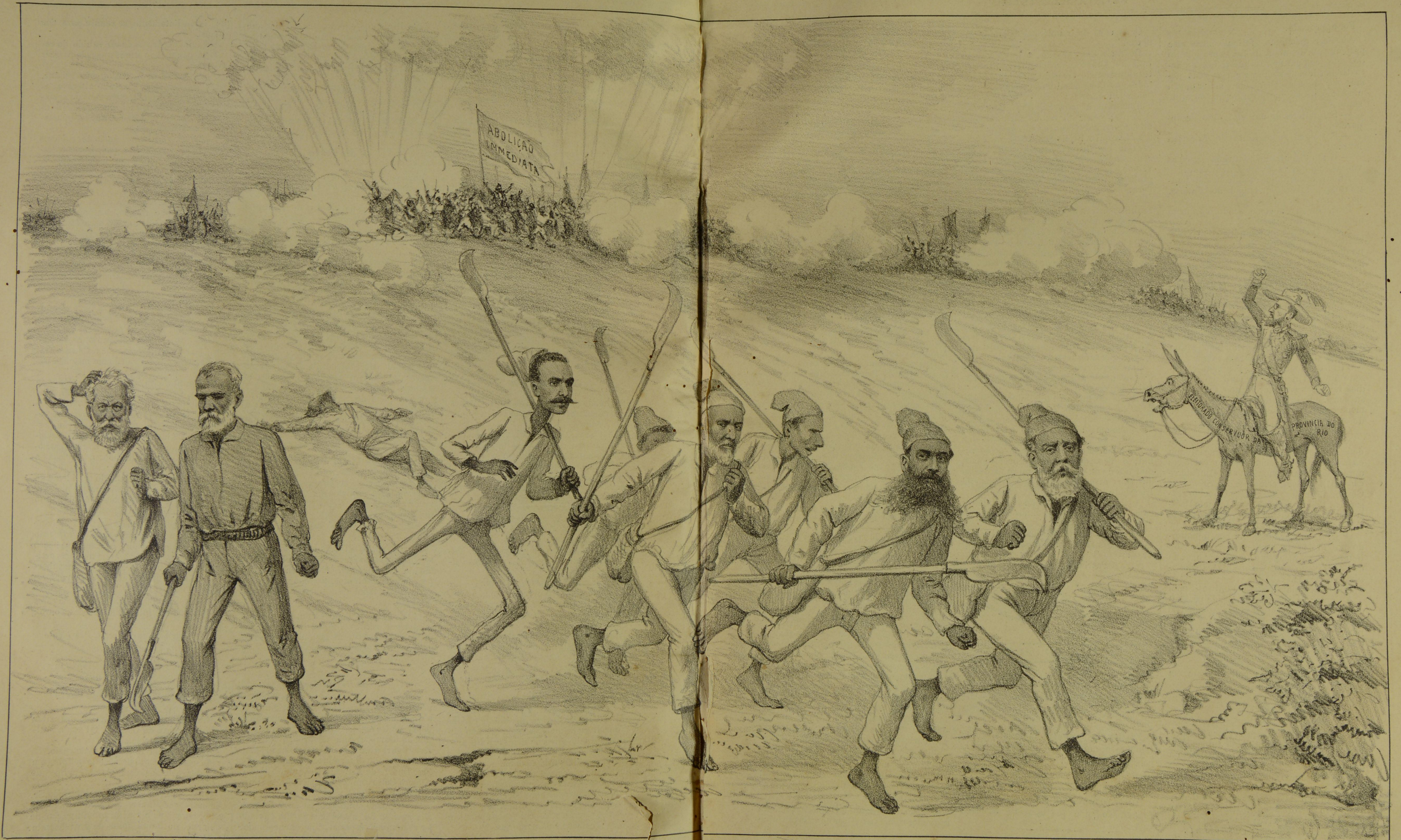
A approvação do projecto

Era difficil, na quinta-feira, tranzitar pelos arredóres da Camara, tal era a multidão que ahi estacionava.

Dentro não havia um só lugar vasio.

A sessão tomava, desde o principio, um character solemne, como jamais vimos no Parlamento Nacional.

Logo em principio, o nobre deputado, Sr. Affonso Celso Junior, apresentou um projecto, para que o dia da promulgação da maior lei do Brazil fosse de grande gala.



O ultimo lote de escravos politicos do Sr. Paulino, em completa debandada, na grande batalha parlamentar do dia 10 de Maio de 1888. Quando os escravizados de toda a parte do Brazil se revoltam contra o captivo e vão em demanda da liberdade, é bem triste e parece mesmo inacreditavel, que haja quem prefira servir a um

Foi approvedo.

Aberta a discussão, fallou contra esse projecto um deputado do Rio, com applauso dos sete companheiros, que tiveram a desastrada ideia de sombrearem os seus nomes por toda a eternidade, merecendo a um alto personagem presente, a seguinte sentença :

— São feitores de um eito, que desapareceu !

— E a outro, as seguintes dolorosas palavras :

— Estão disputando as ultimas esteiras velhas, em que os pretos se deitavam !

Afinal, encerrou-se essa discussão pungente, que deveria ser riscada dos *Annaes*, por honra ao Brazil.

Procedeu-se á votação, sendo o projecto approvedo, definitivamente.

N'este momento ergueram-se no recinto muitos vivas ; as musicas tocaram o hymno nacional e dos largos subiram festivas gyrandolas de foguetes.

Então Joaquim Nabuco, que se transformára em heroe, n'esses dias memoraveis, pediu a palavra e fez um discurso que devia ser decorado por todos os brasileiros, provando que a abolição foi o fermento que fecundou os partidos, que os fez confraternisar, que deu aos homens politicos a noção do verdadeiro patriotismo e que creou grandes homens para a patria.

O illustre deputado que tão bem representou a provincia de Pernambuco, n'esses dias immortaes, requereu que a sessão fosse suspensa em signal de regosijo e como homenagem á grandiosa ideia que acabava de ser votada.

A Camara approvou.

No momento, porém, em que o presidente proclamava esta deliberação, deu entrada no recinto, em meio de calorosos applausos, uma commissão da Confederação Abolicionista, composta dos Srs. João Clapp, Luiz de Andrade, Leopoldo Figueira, Seixas Magalhães e Ignacio Doelling, que fez entrega, ao presidente, do rico *bouquet*, a que já nos referimos.

O Sr. desembargador Lucena, denotando na physionomia as effusões que lhe iam na alma, recebeu e agradeceu o mimo dos seus comprovincianos e dos abolicionistas da Côrte.

Não houve mais diques ao enthusiasmo!

A Camara e os espectadores, de pé, saudaram o presidente ; os vivas repetiam-se sem interrupção, as flores cahiam como um verdadeiro diluvio e, durante mais de dez minutos, a Camara esteve n'uma acclamação, que se constituiu o facto mais grandioso, que ali se tem passado !

Honra a todos os que collaboraram em tão sublime epopeia.

O Povo

Finda a sessão, quatro ou cinco mil pessoas desfilaram, em prestido imponente, pela rua do Ouvidor, afim de saudarem a imprensa.

Muitos discursos, eloquentes e arrebatadores, foram pronunciados.

Saudando o *Paiz*, a *Gazeta de Noticias*, e o *Diario de Noticias*, o prestito dirigiu-se para a rua de Gonçalves Dias, estacionando em frente á redacção do nosso jornal.

O aspecto da manifestação era imponente.

De uma das janellas, o nosso collega Luiz de Andrade recebeu os manifestantes, levantando vivas á Camara dos deputados, ao Povo fluminense e á Confederação Abolicionista.

Tomaram a palavra, o capitão Serzedello, professor da escola militar e uma das grandes esperanças da nossa patria ; João Clapp, Dr. Bricio Filho e outros oradores que, em inspirados improvisos saudaram Angelo Agostini, a redacção da *Revista* e o nosso visinho e amigo Seixas Magalhães, abolicionista da mais fina tempera.

Em seguida dissolveu-se a imponente reunião, entrando numerosos amigos para a redacção do nosso jornal, aonde, em calorosos brindes, foram saudados Joaquim Nabuco, Senador Dantas, José do Patrocinio, José Mariano, Angelo Agostini, João Clapp, Luiz de Andrade, Fritz Harling, Bricio Filho, o exercito brasileiro, a marinha nacional, a imprensa, as escolas, a magistratura, a representação nacional, o ministerio de dez de março, assim como quasi todos os batalhadores da grande causa, em cujo numero entravam Antonio Bento, João Cordeiro, Conselheiro Prado, João Ramos, tendo nós a satisfação de vêr que ninguem era esquecido.

Um respeitoso e entusiastico brinde foi levantado á Princeza Regente e á Familia Imperial.

Depois de mil effusões indescriptiveis, para as quaes não ha narração possível, dissolveu-se a reunião, na melhor ordem.

Confessamo-nos gratos ao povo fluminense pelos testemunhos de apreço que timbrou em dar, n'esses dias, ao nosso jornal, e d'estas columnas lhe protestamos, que nos ha de encontrar sempre na defeza dos seus direitos e da causa sagrada da liberdade !

A todos esses, que assim nos penhoraram, d'aqui lhes protestamos a nossa immorredoura gratidão.

N'este momento, resumimos todas as nossas impressões, n'estas simples palavras :

Viva a Patria Livre !

Julio Verim

DR. LUIZ DE CASTRO

Falleceu, segunda-feira ultima, este nosso proecto collega do *Jornal do Commercio*, cujo nome nos serve de epigraphe.

Era um dos veteranos da imprensa fluminense e um homem bastante notavel, pela sua illustração e talento. No trato particular revelava ser possuidor das mais apreciaveis qualidades !

Damos pezames aos nossos collegas do *Jornal*, pelo golpe que os acaba de ferir.

Guerra Junqueiro

Transcrevemos do *Reporter*, o seguinte trecho de uma carta dirigida pelo auctor da *Morte de D. João* a um amigo.

Nutrimos a esperança de que as apprehensões de Guerra Junqueiro, sobre o seu mau estado de saúde, estejam bastante exageradas.

A imaginação dos poetas engrandece tudo.

Partindo d'esse principio, cremos que, como nós, o leitor ha-de apreciar o bonito e colorido trecho que lhe damos em seguida.

Cada vez peor. Perdi a esperança. Sinto-me escorregar silenciosamente, sem energia de reacção por um declive tenebroso. Trago a alma de compota n'uma calda somnolenta de melancolia negra.

Mais quinze dias de experiencia... E se as melhoras não forem radicaes, aposento-me. Tratarei de arranjar, aqui no Porto, um asylozinho todo doirado de sol, com horta e flores, aconchegando-me, resignadamente, n'esse *in-pace* virgiliano, a tanger a lyra.

Que coisa immoral, que coisa infame é um artista ! Penso na morte, a todo instante, como n'uma coisa proxima e irremediavel ; e quando lanço os olhos para traz, supponho que vou partir, vejo a minha mulher adorada e as minhas filhas vestidas de lucto, chorando a um canto com o coração despedaçado, e, amando-as eu com um amor supremo e inextinguivel—ó vaidade civica, vaidade litteraria !—não me lembro só d'ellas, n'esse momento tragico e derradeiro: lembro me tambem e com ancia pungentissima, dos dez milheiros de versos, que vivem no meu cerebro e que deviam estar, ha muito, na minha gaveta, se não fosse o meu desleixo imperdoavel !

E consolam-me menos os beijos de minhas filhas, do que me consola rimar cincoenta versos, compor um trecho de poema, que eu naturalmente hei de ver publicado ! Interrompo a minha dôr, á busca de uma imagem e suspendo o meu pranto, á procura do um exdruulo !

Sou como a Opera Comica, a arder. Os meus espectadores, isto é, as duas mil odes que trazia cá dentro, ao verem-me envolto em labaredas, gritam asphyxiados, ululam de angustia, contorcem-se de pavor, e atropelando-se e enovellando-se furiosamente, atiram-se, desgrenhadas, pelas janellas, dependuram-se das cornijas vertiginosas, ficando, crispando as unhas de aço no marmore em braza, a estalar, e enquanto umas rebentam clamorosamente de roldão, pelas portas estreitas, outras caem mortas, carbonisando-se dentro da fornalha enfumarada.

Algumas ha d'essas odes epicas, que andam pelo telhado, com grandes gestos, muito magras e em camisa, a pedir que as salvem...

Quando o incendio fôr definitivamente apagado, com quatro pás de terra, é que

poderá calcular-se com exactidão o numero das victimas.

Tudo isto, meu amigo, para lhe dizer que me é impossivel ir agora a Lisboa...

GUERRA JUNQUEIRO.

CONTOS TRANSPARENTES

BABYLONIA

(Continuação)

Fortes, com essa argumentação, os abolicionistas do formigueiro, tratavam por todos os modos de acabar com a barbara e estúpida instituição.

Por esses tempos, justamente, os sabios Michelet e Huber, tinham feito experiencias a tal respeito, que davam muita força moral aos propagandistas.

Os sabios tinham conseguido capturar alguns membros d'essa classe aristocratica, assim como algumas escravas.

Puzeram os primeiros dentro de um vidro, e, ao lado, o manjar mais appetitoso para elles, umas gottas de mel de abelha.

Os infelizes, começaram por mostrar grande tristeza e desolação. Olhavam para a comida, appeteciam-na, mas... não sabiam, sequer, ir busca-la e mettel-a na bocca.

Os sabios deixaram passar alguns dias. Evidentemente, os representantes da classe mais elevada do formigueiro iam morrer de fome, á beira dos alimentos, pois o contacto com a ascravidão os pervertêra tanto, que elles até tinham desaprendido de levar a comida á bocca.

A morte vinha proxima e já se denunciava, por quasi completa immobilidade e um abatimento enorme, quando os sabios, certificados de que esses entes iam morrer de fome, por indolencia e embrutecimento, introduziram no vidro algumas formigas escravas.

Estas, n'um momento, estavam de pousse da situação. Viam os senhores cahidos, quasi expirantes, por falta de alimento, mas, que diabo! havia ali muito que comer.

N'um instante, com a decisão de quem sabe o que faz, as escravas dirigiram-se ás gottas de mel de abelha, tiraram pequenos trechos, com as suas mandibulas, chegaram-se aos moribundos, abriram-lhes as boccas, e, como se faz aos perús, para os engordar, metteram-lhe pelas guel-las abaixo, os pedacinhos de alimento.

Fizeram isso a todos, denotando grande experiencia e intelligencia.

Momentos depois, o bocal do vidro apresentava um aspecto inteiramente diverso. Tudo se movia, tudo denotava animação; a vida e o movimento estavam restabelecidos.

Ficava provado, assim, que a escravidão, mesmo entre as formigas, enervava as melhores forças e as melhores intelligencias, tornando o senhor o verdadeiro escravo dos seus escravos, pois que sem elles, até não sabiam comer e estavam condemnados a morrer de fome!

— E' preciso acabar com esta vergonha, diziam algumas formigas, das mais decididas!

— Como? E' uma propriedade legal! Nossos paes não viveram assim?

— Qual propriedade! E' contra a natureza!

— Seria uma calamidade!

— Mentis! Seria a felicidade de todos nós.

— Ora, ora! Sentimentalismo....

— Pois sim! Mas aonde o sentimento preponderar, nada lhe resistirá. Preparae-vos para a transformação.

— Nem pensamos em tal.

— Pois havemos de obrigar-vos. Isto, é um crime, é a peor das piratarias.

— Vós é que sois uns revolucionarios, quereis destruir a ordem social. Anarchistas!...

— Nós, anarchistas? Ah! Ah! Ah! Nós, os representantes da ideia mais antiga e mais conservadora que existe no mundo,— o direito natural? Vós é que sois uns bandidos.

E n'essas e semelhantes discussões, se passava o tempo, sem que outro assumpto qaulquer preoccupasse os espiritos.

Não só os meios por que eram obtidos esses escravos, mas as consequencias da sua estada no formigueiro, os habitos que faziam contrahir, tudo, absolutamente, dava larga margem aos propagandistas, para proseguirem na sua lucta.

Quando os escravos iam escasseando, improvisava-se uma expedição a qualquer formigueiro visinho e entregavam-se á pirataria.

Pedro Huber observou o facto, que depois foi confirmado por Michelet e descripto nos seguintes termos:

«A grande massa do povo atacado fugia pelas portas mais affastadas, carregando os filhos. Era, precisamente, d'estes que se tratava; o que ellas temiam, com razão, era um roubo de creanças. Huber viu, em breve, as assaltantes, que tinham podido penetrar no formigueiro, sahirem d'elle, trazendo cada uma, um filho das outras. Era, nada mais nem menos, do que sobre a Costa d'Africa, um desembarque de negreiros.»

(Continua).

J. V.

Subscrição popular

PARA OFFERECER UMA PENNA DE OURO

A' PRINCEZA IMPERIAL

afim de assignar a lei da Abolição

Honrando a nobre e arrebatadôra ideia, proposta pelo Dr. Luiz Pedro Drago, á redacção do *Paiz*, para, por meio de uma subscrição popular, com donativos de 500 rs. por pessoa, se adquirir uma penna de ouro, para S. Alteza a Regente assignar a lei da libertação do Brazil; abrimos tambem, em nosso escriptorio, uma subscrição para esse patriótico fim.

Em nossa opinião, cada casa de familia do Rio de Janeiro devia trazer o seu concurso, abrangendo todas as pessoas, tornando-se esta manifestação eloquentissima.

Em nosso escriptorio, subscreveram os seguintes senhores, contribuindo com donativos na importancia de 68\$000 rs, que,

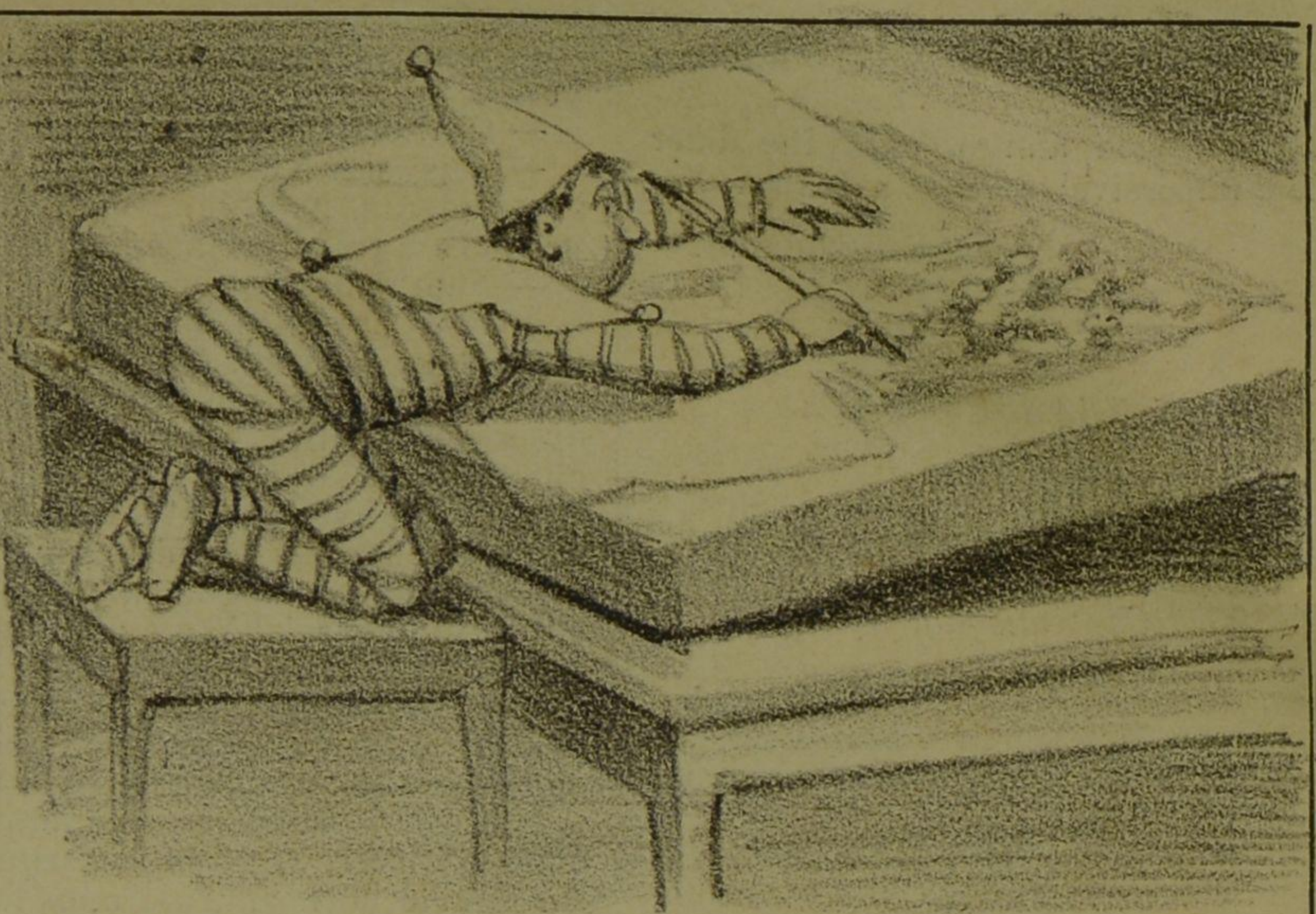
hoje mesmo foram entregue, á patriótica redacção do *Paiz*:

Angelo Agostini, Luiz de Andrade, Pereira Netto, Fritz Harling, Julio Harling, João Joaquim Mendes, Felix Ferreira da Motta, Antonio Leal Pimentel, Manoel Fernandes de Figueiredo, Antonio Ferreira Braga, Domingos José de Oliveira, Joaquim Dias Gonçalves, Luiz Antonio da Rocha, José Manoel de Araujo, Euzebio Manoel Dornas, Eduardo Agostini, Eugenio Agostini, Dr. Alvaro Alvim, D. Laura Agostini Alvim, D. Arminda de Andrade, D. Antonina de Andrade, Carlos de Andrade, D. Elvira Harling, D. Anna Maria Harling, D. Izabel Ramos Mendes, Armando Durval Mendes. André Gonçalves de Oliveira, Geraldo Bastos de Souza, Moraes, José Luiz Vianna, Joaquim Ignacio da Silva Corrêa, Francisco de S. P. Fernandes, Libanio José Nogueira, Leopoldo da Silva, Joaquim José Rodrigues, Antonio José da Silveira, Joaquim Ferreira de Oliveira, João Gomes da Silva, Gastão Lafayette Andrade, Dominique ThorinBetzler, D. Maria Izabel Betzler, Julio Dreyfus, Luiz da Fonseca Oliveira, D. Philomena Maioni, Antonio Machado, J. C. Guedes, J. A. Guedes, Antonio Dias Carneiro, Fonseca Braga, José Lourenço da Silva, José Maia, Antonio Pinheiro, Augusto Pinto dos Santos, Joaquim de Souza Moreira, Eduardo Harling, Quilombo Leblond, José de Seixas Magalhães, D. Eliza Josephina Seixas, Rosa de Seixas Magalhães, Joanna de Magalhães, Donato de Magalhães, Luiz de Magalhães, Luiz José de Magalhães, Bernardino de Novaes, João de Magalhães, Antonio de Seixas, João P. de Andrade, Juvencio de Magalhães, F. F. Braga, J. Joaquim Paz, Daniel J. P. Macedo, D. Antonietta Pedreira, João Macedo, Antonio P. dos Passos Ribeiro, D. Candida Macedo, Joaquim Palha de Faria Lacerda, F. Alves de Oliveira, José João Gonçalves, Antonio Miranda, Francisco Miranda, D. Julieta Miranda, Antonio Maia, Alberto Carvalho, Carlos T. Passos, Luiz Coutinho, D. Eliza Coutinho, Authero Thobias Reis, José d'Assumpção Macedo, D. Anna Emilia Macedo, Pinho, E. Bazin, Eduardo Wanderley, D. Maria da Gloria, Rocha Leão Serpa, J. Ferreira Serpa Junior, Alberto Carlos dos P. Macedo, D. Amelia T. Costa, Zeferino Sebastião de Gouvêa, Antonio J. M. S. Andrade, D. Maria Carolina dos Santos Andrade, Antonio José Teixeira Bastos, Baste Jules Ernest, João Tavares, Tavares Sobrinho, Julio Cesar da Costa, J. Carneiro, E. Pinto Vieira, Manoel Duarte Pinheiro, A. Vianna, José Lopes dos Reis, A. Rego Vianna, J. Zeferino da Costa, D. Octavia da Costa, Zeferino Moreira dos Santos Andrade, Manoel Marques, D. Idalina P. Sequeira, Candido Vieira de Andrade, Julio Ferreira de Andrade, Antonio José Corrêa, D. Maria da Conceição Oliveira, Antonio Ferreira Lopes, 60\$000 Pessoal da typographia de J.

Barboza & C.^a, onde se imprime esta folha..... 8\$000

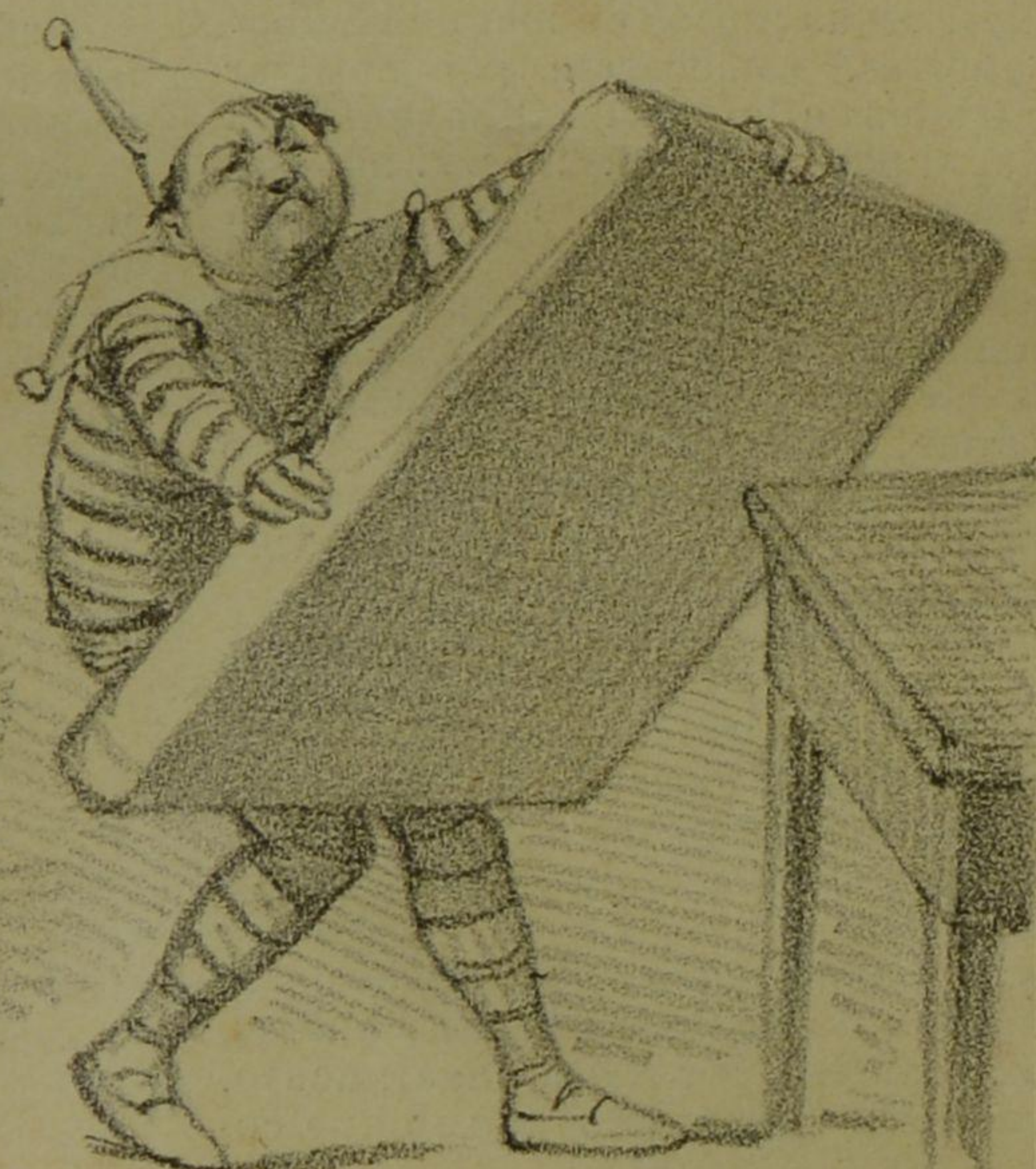
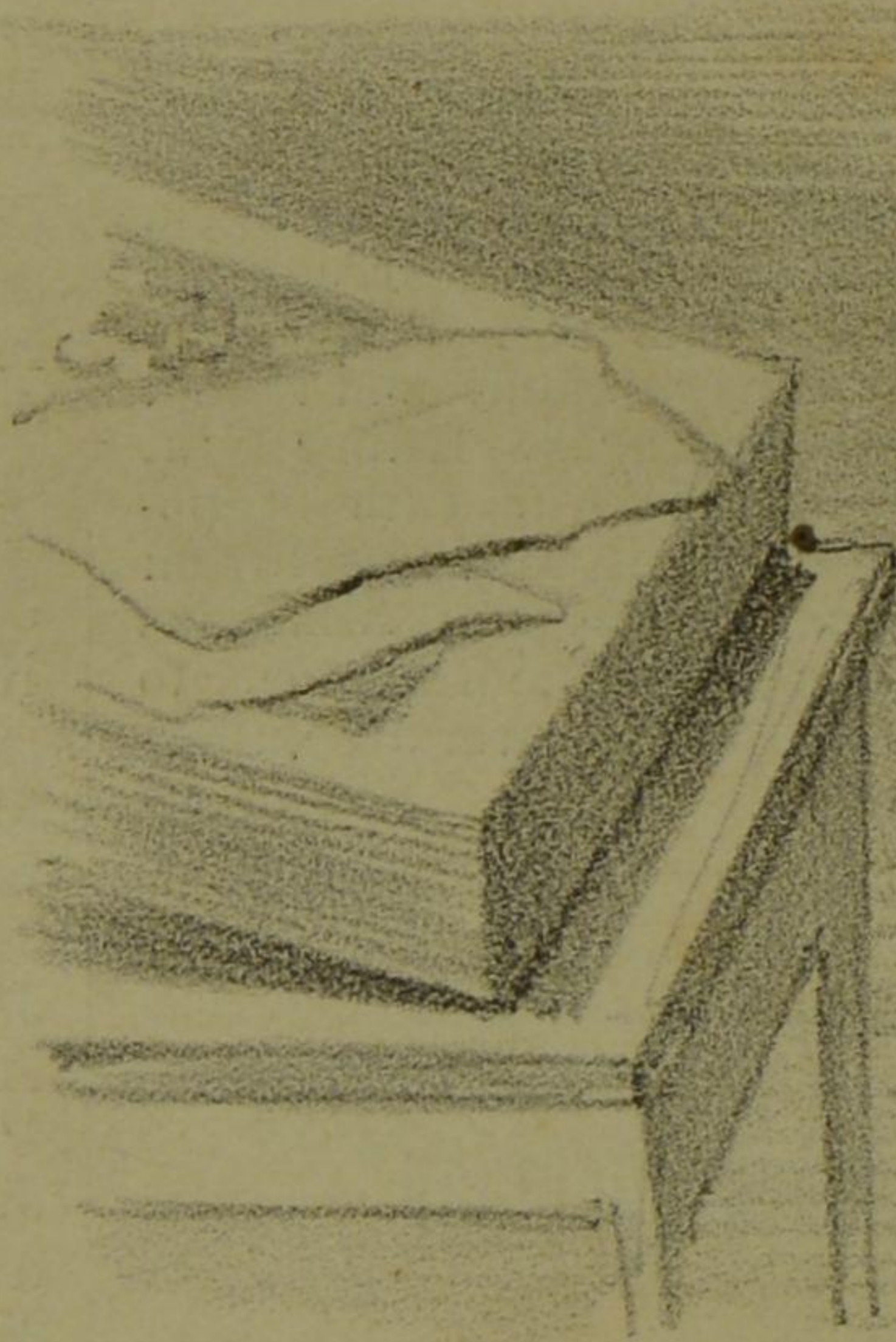
(Continua.)

Total 68\$000



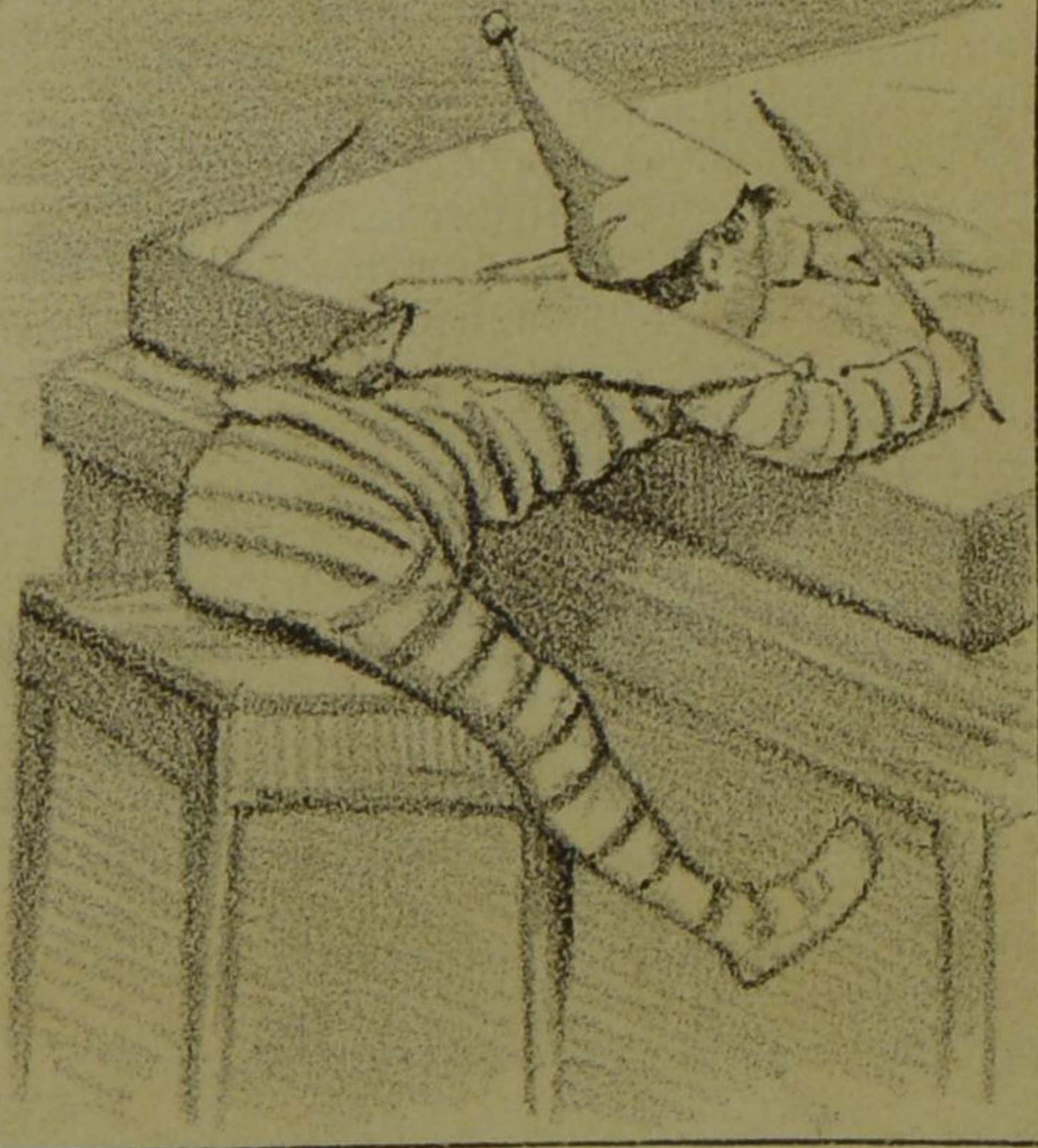
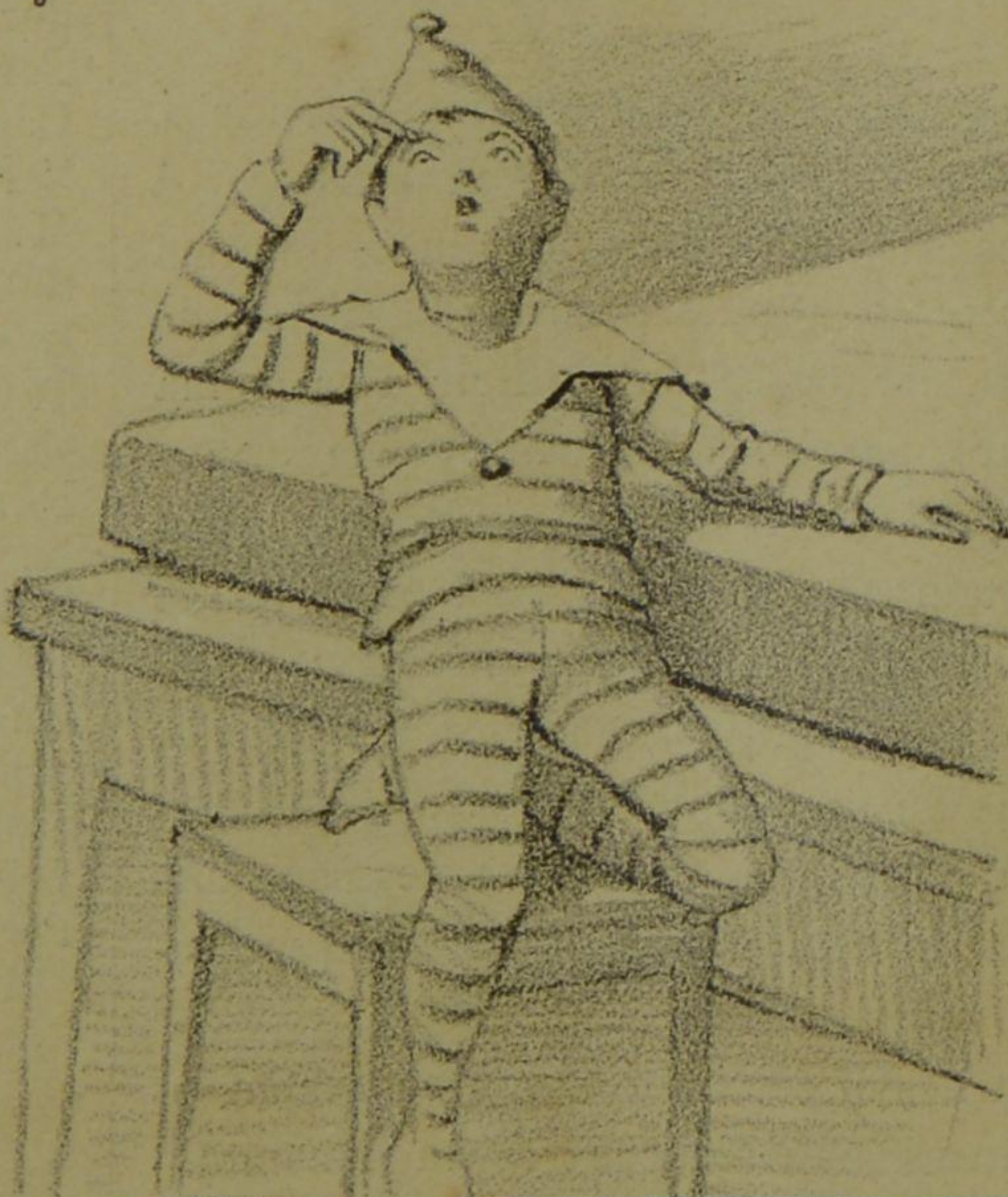
A "Revista" continua no gozo da mais perfeita saúde e da mais entusiástica alegria pela votação da grande Lei da abolição imediata.

Tratamos logo de fazer um desenho allegorico, dando os retratos de todos os benemeritos pais da patria, que etc... Mas, apesar dos nossos maiores esforços, não podemos conseguir dar cabo de tamanha tarefa, em tão pouco tempo.



- Ah! Padre Eterno! Porque quando creaste o homem não lhe deste logo seis braços, pelo menos? É o que precisavamos agora...

Vêmo-nos obrigado a adiar a publicação do dito desenho, e lançar mão de outra pedra, para poder dar o numero.



pa- do em tempo corre com uma velocidade espantosa. O diabo teve o valor do tal instrumento!

Mas... de que assumpto tratar, que não seja relativo á grande victoria do parlamento? Ah!... Uma idéa.

Se não podemos neste numero reproduzir os vencedores, damos ao menos, os vencidos. Tal é o assumpto da nossa pagina central.